



VIAJAR É CONFRONTAR-SE: CHOQUES CULTURAIS EM CRÔNICAS DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Camila Ulmer da Silva

Especialista em Psicopedagogia pela Universidade de Caxias do Sul

Tatiane Kaspari

Doutora em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale

Resumo: Uma viagem, como trânsito geográfico, implica também deslocamentos culturais e identitários. Este artigo parte de uma revisão bibliográfica interdisciplinar acerca da cultura e da identidade em suas intersecções com a linguagem e com a literatura de viagem, para analisar as crônicas “Pequenos Choques (Quatro anotações de um visitante distraído)”, “Storkwinkel 12, Rio” e “Os índios de Berlim”. Os textos de João Ubaldo Ribeiro ilustram os choques culturais que caracterizam a viagem de um brasileiro ao território germânico recém-unificado após a 2.^a Guerra Mundial. O discurso do narrador e as trocas linguísticas representadas apontam para uma identidade que se move entre as figuras do turista e do viajante. De modo geral, constata-se a prevalência da identidade viajante, que se aproxima do antropólogo, em busca de compreender a si mesmo por meio da cultura alheia.

Palavras-chave: Choque cultural; Identidade; Viajante; Turista, Crônicas de João Ubaldo Ribeiro.

Abstract: A trip, as geographic transit, also implies in cultural and identity journeys. This article stems from a bibliographic and interdisciplinary review about culture and identity in their intersections with language and traveling literature, to analyse the short stories “Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)”, “Storkwinkel 12, Rio” and “Os índios de Berlim”. João Ubaldo Ribeiro’s stories illustrate the cultural shock that characterizes the trip of a Brazilian man to the recently reunified German territory after the Cold War. The narrator’s speech and the language exchange portrayed indicate a new identity that varies between the figures of the tourist and the traveller. On the whole, there is a prevalence in the traveller identity that resembles the anthropologist in the search of understanding himself through the foreign culture.

Keywords: Culture shocks; Identity; Traveller; Tourist; Short stories by João Ubaldo Ribeiro.

A sempre diversa Cultura

A cultura erudita quer sentir
Arrepio diante do selvagem.
(Alfredo Bosi)

O escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro transitou pelas ruas berlinenses do início da década de 1990, procurando equilibrar-se em meio ao jogo de contrastes internos da cultura alemã, ao mesmo tempo em que se via confrontado com o estranhamento em relação à sua cultura de origem. Ribeiro viajara à Alemanha a convite do DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst), e suas vivências em solo germânico impulsionaram a escrita de crônicas, reunidas na obra *Um Brasileiro em Berlim*, também publicada em língua alemã em 1994 (*Ein Brazilianer in Berlin*). Os textos corporificam uma voz narrativa que oscila entre a figura do turista, plasmada na incompreensão do outro, e a do viajante, caracterizada pelo esforço de compreensão de si mesmo por meio da cultura alheia.

O presente artigo fomenta a discussão acerca das intersecções entre cultura, choques culturais e identidade. Para isso, toma por *corpus* as crônicas “Pequenos Choques (Quatro anotações de um visitante distraído)”, “Storkwinkel 12, Rio” e “Os índios de Berlim. O objetivo é analisar as tensões culturais que, pelo sentimento de constante inadequação do sujeito, possibilitam ampliar sua compreensão acerca da própria formação cultural e identitária.

Nesse estudo, a análise das crônicas se apoia em pesquisa bibliográfica interdisciplinar, que envolve os conceitos de identidade, cultura e choque cultural (Bauman, 2012; Wagner, 2017) e a distinção entre turista e viajante na literatura de viagem (Modernell, 2011; Onfray, 2009; Sussekund, 1990). Nos entrecruzamentos teóricos, as crônicas revelam-se material privilegiado de análise por seu caráter fronteiriço, entre a ficção e a realidade, entre a escrita literária e a jornalística, entre o fingimento narrativo e o registro que beira o diário etnográfico.

Viagem: cultura e identidade em trânsito

Conceito interdisciplinar e fluido, a cultura é dotada de uma dimensão plural, que se revela, externamente, na variedade epistemológica que a toma por objeto e, internamente, no caráter coletivo que a configura. Zygmund Bauman (2012) mapeia a constituição do conceito, identificando o tipo hierárquico, que classifica o sujeito como

“culto” ou “instruído”; o diferencial, que explica as diferenças de hábitos entre povos; o genérico, que caracteriza o ser humano por possuir valores universais, como pressupostos éticos e religiosos; e, finalmente, o conceito difusionista, que visualiza uma inovação local como ponto de partida para mudanças culturais mais amplas, a partir de “empréstimos culturais”.

Na tentativa de conciliar as diferentes dimensões conceituais, Bauman afirma que

Falamos de cultura sempre que a vida produz certas formas pelas quais se expressa e se realiza – obras de arte, religiões, ciências, tecnologia, leis e uma infinidade de outras. Essas formas abrangem o fluxo da vida e lhe fornecem conteúdo e forma, liberdade e ordem. Mas embora surjam a partir dos processos da vida, em função de sua singular constelação, elas não compartilham seu ritmo agitado. [...] Cada forma cultural, uma vez criada, é consumida a ritmos variáveis pela força da vida. (2012, p.17).

A cultura, assim, possui manifestações visíveis – objetos, rituais, formas de produção – mas está assentada sobre um sistema de representação (Hall, 2006) que se corporifica por meio da linguagem. Mesmo nas interações linguísticas mais banais, há um fator ideológico, que participa da consolidação de certos elementos culturais ou que os problematiza. Mikhail Bakhtin explica que qualquer texto recebe um acabamento ideológico quando se concretiza na “expressão individualizada da instância locutora” (Bakhtin, 1997, p. 308), pois “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (Bakhtin, 1997, p. 282).

Língua e cultura estão, portanto, associadas ao ritmo de vida de um determinado grupo social, que imprime a cada enunciado um “rastro ideológico” (Ponzio, 2008, p. 148), em que se entrecruzam saberes, intencionalidades, posicionamentos. Sob esse viés, a comunicação é sempre um processo dialógico, em que cada enunciado prevê a necessidade de uma resposta, de uma interlocução. Por isso, a cultura é compreendida como processo sempre inacabado, que se alimenta dos rastros ideológicos da palavra, ao mesmo tempo em que descobre novas formas de organizar o mundo por meio das infinitas potencialidades significativas da linguagem. Por conseguinte, a tendência da cultura é manter-se a si própria, mas isso também requer reinvenção.

Para o antropólogo Roy Wagner (2017), o trabalho da cultura é inventar a vida a partir da sua ordem. Portanto, há de se admitir a “invenção da cultura”, que se torna

mais evidente ao sujeito quando ele é inserido em uma cultura alheia à sua. O reconhecimento de que a cultura é um constructo se dá a conhecer ao indivíduo pelo duplo estranhamento, em relação às trocas sociais do outro e aos próprios pressupostos de conduta internalizados. Na base do conhecimento etnográfico, estão, portanto, as tensões do choque cultural:

Mesmo o forasteiro mais tolerante e bem-intencionado, que se mantenha reservado e faça de tudo para não demonstrar sua frustração, acabará por achar extremamente desgastante a tensão de tentar preservar seus pensamentos e expectativas e ao mesmo tempo “respeitar” os da população local. Ele pode se sentir inadequado, ou talvez ache que seus ideais de tolerância e relatividade acabaram por enredá-lo numa situação além do controle. Esse sentimento é conhecido pelos antropólogos como “choques culturais”. Nele, a “cultura” local se manifesta ao antropólogo primeiramente por meio de sua própria inadequação; contra o pano de fundo de seu novo ambiente, foi ele que se tornou “visível” (Wagner, 2017, p. 31).

Wagner traça um paralelo entre os choques culturais etnográficos e situações cotidianas, como as experiências iniciais de calouros ou de recrutas, demonstrando que, mesmo de forma inconsciente, a invenção se manifesta como traço fundamental da cultura. Cada indivíduo exposto a uma vivência cultural distinta de seu cotidiano, em diferentes proporções, incorpora-a como experiência de sua própria cultura.

A invenção, portanto, é cultura, e pode ser útil conceber todos os seres humanos, onde quer que estejam, como pesquisadores de campo que controlam o choque cultural da experiência cotidiana mediante todo tipo de “regras”, “tradições” e fatos imaginados e construídos (Wagner, 2017, p. 68).

Por meio da (re)invenção da cultura, (re)inventa-se o indivíduo, cuja identidade resguarda um componente coletivo e relacional. Retomando as ideias bakhtinianas, pode-se dizer que o sujeito experimenta, por meio das trocas linguísticas – local simultaneamente habitado por um *eu* e por um *outro* – um questionamento essencial à constituição de sua própria consciência. A posição exterior de um *eu* em relação ao *outro* permite que se tenha um conhecimento de uma forma acabada do *outro*, a que ele mesmo não possui acesso. Dessa maneira,

O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento (Bakhtin, 1997, p. 45).

O *eu* se define pelo contraste em relação ao *outro*, mas, concomitantemente, busca pontos de pertença, que o façam ser reconhecido como integrante de um grupo

ou de um contexto social. O indivíduo contemporâneo, esfacelado pela desintegração da ideia de futuro e pela erosão das instituições tradicionais como âncoras sociais – destaque à família e à escola –, pode voltar-se às culturas nacionais como aporte identitário:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos neles como se fossem parte de nossa natureza essencial (Hall, 2006, p. 47).

Stuart Hall e Bauman coincidem na abordagem da identidade como processo, justificando a ideia de ação inerente ao uso do sufixo em “identificação”, compreendida como “uma construção, um processo sempre inacabado --sempre ‘sendo feito’. Não é determinado no sentido de poder sempre ser ‘ganho’ ou ‘perdido’, ‘sustentado’ ou ‘abandonado.’ A segunda compreensão consegue apreender o verdadeiro caráter dos processos de identidade contemporâneos” (Bauman, 2012, p. 68).

A identidade é, portanto, conceito em trânsito permanente, carente do contato com o *outro* para que o estranhamento produza o reconhecimento de um *eu*. Essa perspectiva sustenta a defesa da viagem, enquanto deslocamento geográfico e cultural, como experiência nevrálgica de formação da identidade do sujeito. Nas palavras de Michel Onfray, “no centro da viagem não há outra referência senão o eu”, tendo em vista que “Toda viagem é iniciática – assim como uma iniciação não cessa de ser uma viagem. Antes, durante e depois se descobrem verdades essenciais que estruturam a identidade” (2009, p. 76).

É preciso esclarecer, todavia, que Onfray distingue viagens de deslocamentos turísticos. Para o pesquisador, a experiência identitária atávica está reservada ao viajante, que se aproxima da figura de um nômade, cujo percurso segue um impulso interno desprendido de pré-julgamentos. Consequentemente, “Viajar supõe menos o espírito missionário, nacionalista, eurocêntrico e estreito, do que a vontade etnológica, cosmopolita, descentrada e aberta. O turista compara, o viajante separa”. (Onfray, 2009, p. 58).

Renato Modernell (2011) contribui para a distinção alinhada por Onfray, ao explicar que o viajante se diferencia do turista por sustentar um olhar despojado e inquisitivo sobre o que o cerca; convive de forma criativa com a insegurança e a

surpresa; deixa-se levar pelo fluxo dos acontecimentos e delicia-se com os pequenos flagrantos da vida.

Assim, enquanto o viajante se desloca sozinho, o turista viaja com um guia turístico ou orientado por roteiros estereotipados pela mídia. A preocupação do turista são os registros concretos – especialmente, fotografias e *souvenirs* – dos locais visitados. Frequentemente, os traços particulares da cultura do outro são julgados pelo turista com impaciência, intolerância ou superficialmente classificados como exóticos¹.

Dessa forma, a literatura de viagem distingue-se dos diários turísticos por sua aproximação do campo etnográfico, mas também não se confunde com os registros cientificamente regulados de antropólogos. A literatura de viagem é campo de experiência criativa, que serve tanto a um autorreconhecimento do escritor quanto a uma expansão, por parte do leitor, de sua consciência sobre o *eu*, o *outro*, o mundo e as relações socialmente mediadas.

Nessa perspectiva, as tensões culturais e identitárias representadas nas crônicas de *Um Brasileiro em Berlim* ajudam a compreender seu alinhamento com a literatura de viagem. Complementarmente, o acabamento artístico conferido às crônicas – cujo narrador possui peculiar senso de humor – faz transcender a habitual efemeridade do gênero textual, uma vez que o registro das cenas pitorescas é gatilho para problematizar as identidades nacionais e seus entrecruzamentos com a identidade do sujeito.

Choques culturais nas crônicas de Ribeiro

O livro *Um Brasileiro em Berlim*, de João Ubaldo Ribeiro, reúne 16 crônicas, escritas predominantemente em primeira pessoa e que remetem ao período em que o autor brasileiro permaneceu na Alemanha a convite do DAAD – 1990 a 1991. A escrita de Ribeiro se dá em um contexto de reunificação da Alemanha, dividida até 1989 em duas: República Democrática Alemã (RDA) e a República Federal da Alemanha (RFA). Se, por um lado, a queda do Muro de Berlim efetivou a fusão territorial da Alemanha, por outro lado, a reunificação identitária da nacionalidade germânica constituiu um processo complexo que perpassa diversos âmbitos, como o político, o social e o cultural.

¹ A questão do exótico é tratada com maior profundidade na obra de Edward Said, *O Oriente como invenção do Ocidente*.

Transitando pela capital Berlim, palco das tensões identitárias, o escritor brasileiro as analisa concomitantemente como sujeito inserido no contexto e como observador externo. Como resultado, as crônicas de Ribeiro reúnem experiências sobre língua, cultura e identidade, que envolvem o leitor, por meio de uma linguagem acessível e pelo tom humorístico da obra. O processo narrativo provoca a empatia de quem lê em virtude do relato das experiências malsucedidas e de eventos em que o narrador consegue, em maior ou menor grau, compreender o modo de vida de um país culturalmente tão diverso do Brasil e inserir-se nele.

A crônica “Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)” difere, em sua estrutura, das demais narrativas da obra de Ubaldo Ribeiro. Organizada em quatro seções, ela retrata traços culturais que causam estranhamento ao narrador, seja pelo contraste que a realidade cotidiana germânica estabelece em relação a estereótipos veiculados pela mídia, seja pelas diferenças referentes à cultura brasileira. Com base em suas experiências, a voz narrativa elenca os quatro maiores “choques”: o nudismo na Alemanha; a bandeja para colocar o dinheiro; a educação no trânsito e a falta de olhar.

O primeiro choque refere-se às garçonetes que, seminuas, servem comidas e bebidas, e às mulheres que tomam sol de *topless* na praça do bairro do Halensee. Segundo o narrador, são atos naturalizados, contrastando com a imagem midiática que associa um caráter pudico a europeus e uma natureza sensual a povos latinos. A voz narrativa afirma que ele e sua família, como brasileiros, não retornariam mais a lugares em que figuram tais hábitos, pois

Os brasileiros não acreditam em nudez sem malícia e esse espetáculo para nós é espantoso. Por que ninguém olha para ninguém?

[...] Dou uma mirada final naquela pequena multidão pelada e decido que não venho mais ao Halensee em dia de sol, perdi o interesse desse assunto perturbador. Quando voltar ao Rio, vou imediatamente à praia. (Ribeiro, 2006, p.111-113).

Na descrição do primeiro choque, o estranhamento surge da trava cultural que impede o brasileiro de ver a nudez sem considerá-la maliciosa. A comparação entre o tratamento conferido à exposição do corpo nas culturas alemã e brasileira recorda o olhar judicativo do turista, mas, ao mesmo tempo, faz emergir uma distinção antes despercebida: nudez e malícia – ou sexualização do corpo – não são categorias equivalentes.

O segundo choque descrito na crônica é a bandeja deixada próxima aos caixas eletrônicos para colocar o dinheiro. Conforme o narrador,

A bandejinha me pegou logo nos primeiros dias de minha vida em Berlim, na tabacaria aqui da esquina. Pedi um maço de cigarros, fui imediatamente informado do preço, estendi o dinheiro para a senhora do balcão e ela não o tomou da minha mão, mas apenas me encarou em silêncio, com um ar severo e talvez um pouco impaciente. Não entendi, me atrapalhei, conferi o dinheiro – qual era o problema? Só então observei o olhar dela ia de meu rosto para a bandejinha ao lado da registradora. Já conhecia a bandejinha de breves estadas na Alemanha, mas havia esquecido dela. Claro, a bandejinha! Depositei o dinheiro na bandejinha, ela fez cara satisfeita de quem havia acabado de dar uma lição, agradeceu e pôs o troco na bandeja. (Ribeiro, 2006, p.116).

Nessa situação, o narrador encontra-se com uma alemã indisposta a concessões culturais. Ele desequilibra-se na tentativa de interpretar o hábito local e só consegue dirimir a tensão quando recupera uma memória de outras estadas em solo alemão – provavelmente, como turista. Esse choque cultural não possui a dramaticidade do anterior, pois lida com uma adaptação pragmática do cotidiano, sem atingir com profundidade dimensões identitárias do narrador.

Na crônica, o terceiro elemento descrito trata da questão do tráfego na Alemanha. Para o narrador, a travessia de pedestres, que esperam disciplinadamente o semáforo para atravessarem a rua, é uma das atrações turísticas de Berlim, uma vez que espantam o brasileiro habituado à movimentação desordenada nas ruas do País. Entretanto, a ideia estereotipada de organização e cordialidade do trânsito europeu erode totalmente quando o narrador observa os ciclistas, que se deslocam em alta velocidade e desrespeitam os demais transeuntes. Jocosamente, o narrador afirma ter desenvolvido uma fobia inédita a bicicletas depois de ter sido atropelado cerca de oito vezes em Berlim.

O relato que finaliza a crônica “Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)” substitui o tom jocoso por declarações de tom emotivo e nostálgico. Elas revelam que, ao contrário do que afirma o título, a observação parte de um sujeito atento às singularidades de cada cultura. A constatação da ausência do olhar, compreendido de forma ampla como o exercício da alteridade, desperta a saudade da terra natal:

Só sinto falta de olhares. Lembro dos pelados do Halensee. Lá, como neste ônibus, ninguém olha para ninguém, dá para o sujeito sentir-se invisível. [...]

No Brasil, muitas vezes me queixo de que as pessoas falam alto demais, se olham demais, pegam, esfregam, abraçam e beijam demais. Já aqui, sinto uma espécie de privação sensorial. Penso em Montaigne, que, se não me engano, escreveu que o casamento é como uma gaiola: o passarinho que está dentro quer sair, o que está fora quer entrar. Acho que isso pode estender-se a tudo na

vida, porque hoje, particularmente, eu gostaria de ter voltado para a casa com a sensação de que alguém na rua me viu, e fiquei com saudades da casa. (Ribeiro, 2006, p.123-124).

Na fala do narrador, como é esperado em narrativas de viagem, há um perene desequilíbrio, que engendra transformações, ou seja, a individualização. A metáfora da gaiola comporta as tensões centrípetas e centrífugas da cultura, ou seja, as forças que atuam na conservação das bases da identidade nacional e as forças que atuam na renovação de práticas sociais. Nesse caso, por mais que o sujeito resista a aspectos da cultura de seu país – sair da gaiola –, evoca, como necessidade identitária, o sentimento de pertença – entrar na gaiola.

As transformações resultantes dos choques culturais impactam, portanto, não somente a visão sobre a cultura do outro, mas acerca da própria identidade nacional. A crônica “Storkwinkel 12, Rio” é célebre ao descrever esse processo, que provoca um estranhamento mútuo quando o narrador se vê reinserido na cultura brasileira:

Voltamos altamente berlineses. Meu filho querendo um corte de cabelo punk, minha filha mais nova falando português com sotaque alemão (até hoje não pronuncia bem os ditongos anasalados portugueses) e minha mulher e eu usando um dialeto doméstico ininteligível tanto para brasileiros quanto para alemães, a mesma coisa que ocorre com o dialeto em Berlim. (Ribeiro, 2006, p.137).

Além dos vestígios linguísticos resultantes da viagem, há questões pragmáticas que requerem algumas readaptações, especialmente pela mudança de moeda brasileira na época do retorno do narrador e de sua família ao Brasil. Paralelamente, porém, as vivências em solo estrangeiro conferem um conjunto de parâmetros para pensar, comparar e compreender sua cultura-mãe:

Na verdade, ser uma pessoa viajada tem suas vantagens sociais. Outro dia, depois que os motoristas, aqui numa avenida do Rio, se comportaram como pilotos de Fórmula Um na largada e uma senhora reclamou, pude retrucar, com um ar superior: “Isto não é nada. A senhora devia ver os ciclistas de Berlim.” (Ribeiro, 2006, p. 137-140).

A incorporação dessas vivências à consciência de sujeito pelo narrador provoca um questionamento acerca de sua própria identidade, oscilante entre valores e práticas introjetadas desde o nascimento – brasileiro – e a nova percepção dos fatos – alemão. Após a viagem, o narrador admite seu aprendizado e a inevitável mudança de posicionamento frente aos fatos:

Eu estava em Berlim e isso certamente me mudaria para sempre. Muito tarde, brasileiro aos cinquenta anos, para tomar intimidades excessivas com Berlim. Bastava, como basta, que eu no fundo a entenda e ela no fundo me aceite. [...] Fico aqui pensando se valeu a pena essa temporada em Berlim. Claro que valeu, aprendemos, crescemos. Hoje, não posso ler nada sobre a Alemanha

como os olhos de antes, tenho uma nova compreensão, que nenhum livro pode me dar, somente a vivência. [...] Há novos muros em Berlim, novas cortinas de ferro, novas barreiras, ódios velhos renovados. Os famintos e perseguidos batem às portas dos prósperos [...] O diferente é visto com desconfiança ou desprezo [...] A diversidade é a glória do homem, mas a rejeitamos pelo desejo de uma uniformidade castradora e falsamente segura. Foram quinze meses em Berlim. Storkwinkel 12, Halensee, pertinho da Rathenauplatz. Foi muito bom: temeremos menos, compreenderemos mais e, se Deus for servido, amaremos mais (Ribeiro, 2006, p. 141-143).

De certa forma, pode-se afirmar que a viagem tornou o narrador um viajante ao confrontá-lo com a inconsistência das imagens homogeneizantes e idealizadoras diante da realidade. Essas contradições tornam-se ainda mais evidentes em “Os índios de Berlim”, quando a própria cultura de origem do narrador é-lhe apresentada como constructo incompatível com a realidade cotidiana.

Na crônica, o narrador aceita um convite para uma palestra, na qual é questionado pelo público alemão acerca de concepções estereotipadas sobre o Brasil. Ele é incitado a manifestar-se diante da perspectiva do *outro*, que restringe a identidade nacional brasileira às imagens dos índios, da Amazônia e do canibalismo.

Em um primeiro momento, o narrador revela ter adotado uma atitude sincera, identificada com a figura do viajante: afirmou não conhecer a Amazônia, além de negar que as imagens estereotipadas coincidissem plenamente com a cultura local. A franqueza da confissão do narrador, registrada em uma publicação em um jornal local, esbarrou na incompreensão de alemães, incapazes de conceber uma identidade nacional como um caleidoscópio de práticas e de representações.

Em um momento posterior, diante de questionamentos e de manifestações indignadas dos alemães frente ao brasileiro que não conhecia a Amazônia nem os índios, o narrador resolve, então, assumir a postura de turista. Além de afirmar que a mídia tem o hábito de ecoar mentiras, o brasileiro assegura conhecer os índios e diz ter estado na Amazônia. Tais afirmações provocam novas perguntas, para as quais o narrador formula respostas fantasiosas:

E quanto ao canibalismo? – Está praticamente em desuso, apesar de alguns ecológicos que protestam contra a repressão branca a esse milenar costume índio [...] Ontem mesmo minha mulher atendeu o telefone, falou um pouco e pediu à pessoa do outro lado que esperasse um pouco. – É um alemão muito simpático – disse ela, que está produzindo uma peça de rádio sobre a Amazônia e precisa de vozes de crianças amazonenses. Aí ele soube que nós temos dois filhos pequenos e quer saber se eles podem fazer essas vozes na peça. Explico a ele que nossos meninos não são da Amazônia, nem nunca estiveram lá? – Não – disse eu. – Pergunte quanto ele paga. E diga que, se precisar de alguém para o papel do cacique, eu faço. (Ribeiro, 2006, p. 98-99).

Como o narrador está cercado pelo universo midiático e estereotipado daqueles berlinenses acerca da cultura brasileira, ele se obriga, naquele momento, a assumir o discurso do turista, que afirma aquilo que o outro quer ouvir. O próprio título da crônica “Os índios de Berlim” sublinha o choque cultural que o narrador sofre em relação à sua cultura-mãe: os índios não são “do Brasil”, mas pertencem ao imaginário germânico a respeito dos brasileiros. Assim, o narrador toma consciência de seu desconhecimento acerca de uma dimensão de sua identidade nacional e, ao mesmo tempo, se confronta com o caráter redutor de uma imagem estereotipada do Brasil.

Esse conflito está fortemente relacionado com as mudanças que o narrador relata na crônica “Storkwinkel 12, Rio”, quando de seu retorno à terra natal: para ser “altamente berlinense”, é preciso compreender o interesse dos germânicos nas imagens estereotipadas e amplamente divulgadas pela mídia acerca do Brasil. Negá-las por completo, como falsas ou anacrônicas, apenas gera a desconfiança e desestimula o sujeito a conhecer mais aspectos do caleidoscópio cultural de uma nação. Confirmá-las simplesmente, constituindo representações artificializadas, apenas contribui para a perpetuação de imagens redutoras, que, ao engessarem uma cultura nacional, abrem mão de compreendê-la. O caminho conciliador é mediado pela linguagem, que formula e atribui significado aos choques culturais.

É possível afirmar que o narrador de “Os índios de Berlim” atua predominantemente como turista, confirmando o exótico que agrada aos berlinenses, como uma maneira de preservar a possibilidade de interagir com o outro que lhe é estranho e que lhe estranha. Ele nega o choque cultural, rompendo a interlocução com o outro.

Essa experiência, contudo, lhe causa tamanho desconforto que ele sente a necessidade de aprofundar-se em sua própria cultura:

Para uma coisa eu aprendi, nesta temporada berlinense: só apareço outra vez na Alemanha depois de frequentar um curso sobre a Amazônia e ter pelo menos uma bibliografia básica sobre os índios brasileiros. As coisas aqui podem ficar difíceis para brasileiros como eu, que não entendem nada de Amazônia e de índios. Ao serem informados dessa minha ignorância, alguns alemães ficam tão indignados que desistem imediatamente de conversas comigo. (Ribeiro, 2006, p. 95-96).

No reconhecimento da incompletude e da necessidade de uma ampliação da visão de si e do outro, emerge a figura do viajante. Esse vivencia a experiência de autoestranhamento proporcionada pelo choque cultural, aceitando, portanto, sentir-se

deslocado em terras alheias e em seu próprio território cultural. Ele compreende o choque cultural como experiência atávica, que confere dinamicidade à cultura, mas também sabe que nem todos estão dispostos a acolher a angústia de saber-se um sujeito fragmentado. Nessa perspectiva, a viagem segue sendo uma experiência solitária, um deslocar-se à procura de si mesmo(a), sabendo-se múltiplo e mutável.

Uma viagem, múltiplos roteiros

À guisa de finalização deste texto, ressalta-se que as crônicas de João Ubaldo Ribeiro conduzem o leitor a um local fronteiriço, sempre instável e permeado, concomitantemente, pelo humor e pela angústia, pela ficção e pela realidade. A sinceridade do sujeito viajante, que vivencia o deslocamento inerente aos choques culturais, é plastificada pelo fingimento da instância narrativa, que confere leveza aos relatos, sem que eles sejam inverossímeis. Diante de momentos críticos de choque cultural, a figura de viajante, imerso na complacência e na razoabilidade de uma experiência etnográfica, fissa-se e deixa entrever a imagem de turista.

Cada passo pela Kurfürstendamm, a popular avenida de Berlim, acerca o turista do universo cosmopolita de uma Alemanha conectada ao mundo pós-moderno. Ao mesmo tempo, porém, a marcha do viajante pela Ku'Damm faz ressoar as tensões que forjaram uma cultura alemã, fissurada pelo Muro e por suas implicações identitárias. O turista se agarra às âncoras sociais de sua cultura materna. Ela, todavia, é resultado de uma invenção social, tal qual a cultura “estrangeira” que o confronta, conforme reconhece o viajante.

As crônicas de Ribeiro formulam linguisticamente os choques culturais, em duas camadas. Na primeira, o escritor, ao projetar-se como narrador, formula um olhar externo em relação à sua própria experiência. O narrador é um *outro* que olha para o brasileiro em Berlim. Na segunda camada, o próprio leitor brasileiro vive, no plano da linguagem, os choques narrados. Pela leitura, ele toma conhecimento de manifestações culturais dos alemães, avalia ações e reações do narrador e projeta suas possíveis atitudes diante de cada situação. Para o leitor, não há um deslocamento geográfico, mas isso não impede um deslocamento identitário, caso ele transcenda a finalidade lúdica da leitura.

Assim, quando o leitor se propõe viajante, é capaz de compreender, nas crônicas de Ribeiro, a valorização da experiência empírica e sensível ao cotidiano real do local de viagem. A postura de viajante é, pois, antes de tudo, uma celebração à diversidade, que confere uma identidade única a cada nação, mas que, paralelamente, une a todas na necessidade de tolerância cultural.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MODERNELL, Renato. *Em trânsito: um ensaio sobre narrativas de viagem*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- ONFRAY, Michel. *Teoria da Viagem: poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- PONZIO, Augusto. Signo e sentido em Bakhtin. In: _____. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 89-100.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Um brasileiro em Berlim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- STANZEL, Franz K. *A Theory of Narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: O narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

Camila Ulmer da Silva possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (2014), graduação em Licenciatura em Letras Português/Inglês - IFRS Campus Feliz (2019) e Pós- Graduação Lato Sensu/ Especialização em Psicopedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (2016). Atualmente é professora no município de Flores da Cunha. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicopedagogia.

Tatiane Kaspari é doutora e mestra em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale, graduada em Letras - Português, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e em Pedagogia, pelo Centro Universitário Internacional. Suas pesquisas voltam-se à análise de aspectos socioculturais em obras literárias e às questões relacionadas ao

ensino de literatura no Ensino Médio. Atualmente, é professora na rede municipal de Bom Princípio.

Artigo recebido em 30/10/2024. Aprovado em 15/11/2024.